

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 22 | nº 370 | vol. 22 | 2024

IA e a experiência da pobreza

Levi Checketts

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 22 | nº 370 | vol. 22 | 2024

IA e a experiência da pobreza

Levi Checketts

Doutor em Ética e Teoria Social pela Berkeley - Califórnia, EUA
Professor do Departamento de Religião e Filosofia e diretor do Centro
de Ética Aplicada da Hong Kong Baptist University



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXII – Nº 370 – V. 22 – 2024

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pixabay

Revisão: Isaque Gomes Correa

Edição: Guilherme Tenher Rodrigues

Tradução: Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

O presente ensaio foi apresentado pelo autor em videoconferência promovida pelo Instituto Humanitas Unisnos - IHU dentro do **Ciclo de estudos: Inteligência Artificial. Potencialidades, desigualdades e o risco existencial humano**. Intitulado “Tecnologia e desigualdade multidimensional. IA e a experiência da pobreza”, o evento está disponível no YouTube. A tradução do original disponibilizado pelo autor é de Isaque Gomes Correa.

IA e a experiência da pobreza

Levi Checketts

Doutor em Ética e Teoria Social pela Berkeley - Califórnia, EUA
Professor do Departamento de Religião e Filosofia e diretor do
Centro de Ética Aplicada da Hong Kong Baptist University

Dizem que a inteligência artificial é uma tecnologia importante para o nosso futuro. A China, onde atualmente moro, e a Coreia do Sul criaram fundos gigantescos para desenvolver IA a partir de 2017, após o AlphaGo vencer o campeão mundial de Go, Sedol Lee. Ainda mais dinheiro foi destinado por vários governos após o lançamento do ChatGPT em 2022. E Elon Musk conquistou o título de “homem mais rico do mundo” depois que os valores de suas ações na bolsa dispararam, seguindo seu evento “AI Day” em 2021.

Como professor universitário, tenho encontrado inúmeras declarações sobre o futuro inevitável da IA. Nossos pesquisadores afirmam que a IA é o futuro para o qual devemos nos preparar. Centenas de milha-

res, ou mesmo milhões, de dólares de Hong Kong estão vinculados a projetos de pesquisa em IA. Nós desenvolvemos um “Roteiro de IA” para nossos professores e alunos, que se concentra em “preparar” os estudantes para usarem IA em seus trabalhos futuros. E os próprios estudantes aderiram a essa ideia com todo o coração. Provavelmente eu já li mais de uma dúzia de trabalhos de alunos nos últimos dois anos que começam com alguma variação da minha frase inicial deste ensaio: “A Inteligência Artificial é importante para o nosso futuro”.

Lee Vinsel, estudioso de Ciência, Tecnologia e Sociedade, define essa atenção como *criti-hype*.¹ A atenção dada à IA nos últimos anos eleva a tecnologia a um patamar de solução definitiva. Recentemente, Luciano Floridi e outros publicaram um estudo que mostra como o conceito de “ética da IA” se tornou um campo incrivelmente popular, com literalmente milhares de novos empregos surgindo na Europa nos últimos dois anos. Por que há tantos destes chamados “eticistas”, especialistas em ética? Porque, como Vinsel observa, a IA é tomada simultaneamente como a tecnologia mais importante para o nosso futuro e como uma tecnologia potencialmente catastrófica. Uma análise mais sóbria, Vinsel sustenta, observaria que a disrupção causada pela IA terá de ser prolongada para ser verdadeiramente impactante. Embora os automóveis tenham sido certamente um motivo de preocupação social em seus primeiros anos, eles não transformaram cidades em selvas de concreto distópicas em poucas décadas. Portanto, em vez de fazer previsões grandiosas sobre

1 Cunhado por Lee Vinsel, o termo descreve uma combinação de crítica e exagero em torno de uma tecnologia, neste caso, a Inteligência Artificial. (Nota do tradutor, assim como as demais notas a seguir.)

como a IA mudará cada aspecto da existência humana, deveríamos observar as maneiras como a IA realmente está mudando as coisas.

Os verdadeiros eticistas em IA, não apenas os defensores e estrategistas de opinião pública ou fãs de ficção científica tateando em filosofia, notaram que os problemas reais da IA hoje incluem preconceito, confiança cega, privacidade e transparência, além dos impactos ambientais. As Inteligências Artificiais não são motores analíticos objetivos que revelam a verdade para quem pergunta; elas são modelos construídos a partir das suposições de seus programadores, suposições que possuem limitações e vieses próprios. E, por causa desses vieses, não devemos confiar cegamente no que é gerado pela IA. Também é importante perguntar como a máquina funciona, como ela chega às respostas que apresenta e o que acontece com os dados das pessoas que são inseridos na máquina. E tudo isso, convém lembrar, é feito por máquinas com alto custo energético, que contribuem para os efeitos agravantes das mudanças climáticas. Essas preocupações podem não ser tão dramáticas quanto o temor de Nick Bostrom² de que uma máquina que produza cliques de papel possa destruir o planeta, mas são questões do mundo real que afetam pessoas reais e nossa experiência concreta no mundo.

A mim surpreende que, em meio a muitas desses debates, pouquíssimos são os que perguntem o que acontece com os pobres. Quando essa questão surge, frequentemente é enquadrada apenas em termos de trabalho, ou seja, cujos empregos serão substituídos

2 Filósofo sueco conhecido por seu trabalho sobre risco existencial, princípio antrópico, ética do aperfeiçoamento humano, transferência mental, riscos da superinteligência e o teste de reversão.

pela IA. Outros aspectos da pobreza, como doenças, moradia, segurança e alimentação, são ignorados. Não parecem relevantes. E por que seriam?

A realidade é que a exclusão dos pobres nas discussões sobre IA revela profundamente o que há de mais preocupante na tecnologia. Questões humanas reais, como acabei de sugerir, frequentemente são levantadas apenas por pensadores sóbrios, não por profetas do apocalipse ou da prosperidade. A IA não é uma tecnologia que se encaixa em nossas vidas humanas reais – é uma tecnologia de fantasia, e sempre foi. Desde a década de 1950, quando figuras como Alan Turing, John McCarthy e Marvin Minsky estavam criando o campo e tentando descobrir como fazer um conjunto de válvulas de vácuo “pensar” como um ser humano, pesquisadores de IA e qualquer um que os ouvisse estavam convencidos de que temos o poder de criar os nossos próprios monstros de Frankenstein, ainda que em uma máquina de calcular, em vez de tecido orgânico costurado. Mas desde a década de 1960, críticos como Hubert Dreyfus³ têm observado que a mente humana é muito mais do que um simples dispositivo de cálculo. Estar no mundo significa ter sido criado nele, crescer com uma certa compreensão de como as coisas funcionam e ser moldado pela linguagem, cultura, religião e comunidades. A história da criação de Adão, tirado do pó da terra, é um modelo adequado aos humanos: surgimos do pó da terra, não descemos dos céus já completos.

3 Filósofo norte-americano falecido em 2017, professor da Universidade de Berkeley. É conhecido pela sua exegese de Martin Heidegger.

Nas próximas seções, quero delinear por que razão acredito que grande parte do interesse atual em IA é perigosa para os pobres. Não digo que a IA em si seja uma tecnologia perigosa para os pobres, mas que os interesses em jogo no desenvolvimento e uso dela em quase todos os contextos são projetados para beneficiar os ricos e poderosos, tendo como efeito a marginalização ainda maior dos pobres. O que irei trazer se concentrarão em algumas questões específicas: o problema dos recursos e da riqueza, os valores embutidos na IA e, em minha opinião, a mais preocupante de todas, a antropomorfização da IA.

AS LIMITAÇÕES QUANTO AOS RECURSOS

A primeira crítica à IA feita por um filósofo foi o artigo de Hubert Dreyfus, intitulado “Alchemy and Artificial Intelligence” (publicado em 1965). A ideia que Dreyfus então sustentou, e que ele reiterou em *What Computers Can't Do*, é que algumas formas de pensamento não são programáveis, e, portanto, supor que uma máquina possa pensar como um humano é semelhante às fantasias dos alquimistas. Eu gosto da forma como este autor se expressa, mas prefiro considerar a IA como uma espécie de pedra filosofal. A linguagem empregada para promover a IA certamente não hesitou em prometer que ela será uma tecnologia milagrosa, melhorando todos os aspectos da vida humana. Também prometem crescimento econômico ilimitado por meio dela. Se a IA realmente é capaz de realizar todos os nossos desejos econômicos, ela é a promessa de transmutação que os alquimistas tanto esperaram.

O problema, claro, é que não existe algo como crescimento econômico ilimitado. Vivemos em um universo finito, em um planeta com recursos limitados. O que é pior, graças ao que sabemos sobre a expansão do universo e à lei da entropia, toda troca envolve uma perda. Na cadeia alimentar, menos animais vivem no topo porque a predação não consegue capturar completamente as calorias consumidas pelos herbívoros. Pêndulos desaceleram. A ideia de uma máquina de movimento perpétuo é pura fantasia. A IA não pode criar *ex nihilo*, e o custo de criar e operar IA, como apontado por cada vez mais estudiosos, é extremamente alto em comparação com outras tecnologias.

E. F. Schumacher⁴ observou, em 1966, que o desejo capitalista por crescimento contínuo não pode ser sustentado e que deveríamos adotar um sistema econômico “budista” de equilíbrio e harmonia. Na década de 1970, James Lovelock⁵ e Lynn Margulis⁶ argumentaram que nosso planeta funciona como um organismo, com múltiplas “esferas” (biosfera, hidrosfera, litosfera, atmosfera) funcionando como sistemas orgânicos. Em 1968, Buckminster Fuller⁷ escreveu *Operating Manual for Spaceship Earth*, enfatizando os recursos limitados que nosso planeta possui enquanto viaja pelo espaço. Em resumo, por mais de 50 anos o problema do consumo acrítico de recursos foi claramente definido. Aque-

4 Economista e estatístico inglês falecido em 1977. Atuou como conselheiro-chefe de economia no Conselho Nacional do Carvão britânico por duas décadas.

5 Pesquisador independente e ambientalista inglês falecido em 2022. A hipótese de Gaia foi articulada por ele em colaboração com Lynn Margulis, para explicar o comportamento sistêmico do planeta Terra.

6 Bióloga e professora da Universidade de Massachusetts falecida em 2011.

7 Visionário, projetista, arquiteto, inventor e escritor americano falecido em 1983.

les que acreditam que a IA resolverá todos os problemas, incluindo as mudanças climáticas, não se deram ao trabalho de estudar o assunto.

Isso significa, então, que quando gastamos dinheiro e usamos recursos para o desenvolvimento e a implantação de IA, usamos recursos que poderiam ser destinados aos pobres. Claro, o mesmo argumento pode ser feito para diversas outras atividades econômicas, como indústrias de entretenimento ou moda, e esse ponto foi levantado profeticamente pelos bispos dos EUA contra a indústria de armas em 1983. No entanto, ninguém afirmou que precisamos investir fortemente em parques da Disney ou na Gucci para nos salvarmos e salvarmos o planeta. Por outro lado, os *altruístas eficazes*⁸ argumentam exatamente neste sentido quando canalizam suas doações de “caridade” de volta às mesmas empresas de tecnologia que possuem. A alegação não embasada de que a IA pode nos ajudar a enfrentar certos problemas relacionados às crises ambientais ou à desigualdade econômica torna-se uma justificativa para mais investimentos em IA. Como Émile Torres e Timnit Gebru⁹ notaram, há uma

8 O altruísmo eficaz é uma filosofia e um movimento social que aplica evidências e a razão para determinar as formas mais eficazes de beneficiar os outros. Incentiva as comunidades a considerarem todas as causas e ações, e a agir de tal forma que traga o maior impacto positivo possível com base nos seus valores. Peter Singer, citado adiante, é um defensor do altruísmo eficaz.

9 Filósofo e cientista da computação, respectivamente. São os proponentes do acrônimo TESCREAL, neologismo para transumanismo, extropianismo, singularitarianismo, cosmismo, racionalismo, altruísmo eficaz e longo-prazismo. Émile Torres e Timnit Gebru sustentam que estas ideologias devam ser tratadas de forma interconectada por terem origens compartilhadas e porque se sobrepõem. Em 2024, Torres proferiu a palestra “Visões de Mundo da IA. Como as ideologias TESCREAL impulsionam a corrida geopolítica e tecnológica” no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D3Rly7khAEo>.

espécie de mentalidade colonial quando ricos ocidentais decidem que a pesquisa em IA é mais importante para o nosso futuro do que redes de proteção contra mosquitos. Isso é terrivelmente irônico; o altruísmo eficaz começou baseado no argumento de Peter Singer de que os ricos têm o dever de doar toda a sua riqueza excedente para aqueles em necessidade porque isso produzirá muito mais benefícios. Se o argumento para o altruísmo eficaz é que ele pode ajudar mais pessoas do que o capitalismo por si só, então o dinheiro deveria ser dado diretamente a quem precisa.

A questão, claro, não é que estamos doando dinheiro para os fins errados. A questão, como explicarei em breve, é que investir em IA é investir em uma tecnologia que não ajuda de fato os pobres. Então, quando Eric Schmidt, ex-CEO do Google, afirma que a IA é a única solução para as mudanças climáticas, devemos protestar em voz alta: a IA é uma tecnologia grandemente dispendiosa em energia e intensiva em recursos, atualmente agravando ativamente as mudanças climáticas. E além da má alocação específica de recursos que poderiam ir para os pobres, os efeitos ambientais das mudanças climáticas afetam desproporcionalmente os mais pobres.

Hoje, a IA tem o benefício de fornecer trabalho para os pobres, embora de uma maneira exploradora. Uma jornalista *freelancer* de Hong Kong, Karen Hao, tem escrito sobre o “trabalho fantasma” feito em países como Venezuela e Quênia para treinar IAs. Os trabalhadores fantasmas frequentes vezes precisam competir entre si por contratos, já que o trabalho não é garantido nem estável. No caso dos trabalhadores quenianos que treinaram o ChatGPT, a revisão repetida de

textos obscenos gerados pelo programa, para torná-lo mais seguro, levou os trabalhadores a desenvolverem problemas psicológicos. Esse trabalho de treinamento também não é pensado para ser permanente; ele é visto como uma solução temporária até que a IA funcione sem assistência humana.

Também é importante observar que muitos analistas econômicos preveem que a IA irá desorganizar alguns setores e levará à perda de empregos ou, como dizem, a uma “requalificação”. Por vezes, essas conversas se concentram em situações de países ricos. Mas o que acontece quando os *chatbots* se tornam sofisticados o suficiente ao ponto de *call centers* na Índia e nas Filipinas não serem mais necessários? O que acontece quando a robótica e a visão computacional tornam obsoletos muitos empregos de manufatura no Vietnã e em Bangladesh? Embora o “mercado cinza” prevaleça para a maior parte da atividade econômica em países mais pobres, a geração de riqueza em um mundo globalizado envolve longas cadeias de produção, muitas das quais podem ser interrompidas quando máquinas automatizadas se tornarem mais baratas do que a mão de obra humana.

E, no final, a generosidade do Vale do Silício é um lembrete contundente do Efeito Mateus – os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres. Das dez maiores empresas em valor de mercado, oito estão envolvidas com IA de várias maneiras, incluindo a Taiwan Semiconductor Manufacturing Corporation e a Nvidia – empresas que recentemente chegaram ao topo devido às necessidades de hardware da IA.

VALORES EMBUTIDOS NA IA

Muitos acreditam que as tecnologias são inerentemente neutras em termos de valor. Há doze anos, o teólogo Mark Graham¹⁰ sustentou que a ética teológica católica da tecnologia era tão subdesenvolvida por causa da prioridade dada à “ética do uso”. Nesta visão, as tecnologias são vistas como meras extensões de nossas próprias intenções e não como algo moralmente significativo em si mesmas.

O problema com essa ideia é que ela simplesmente não é verdadeira. As tecnologias são construídas com uma intenção em mente. É verdade que um martelo pode ser usado para matar alguém assim como para construir uma casa, mas a intenção do seu fabricante é capacitar carpinteiros a construir, não capacitar assassinos. E, o que é mais importante, a própria tecnologia transmite-nos esses valores embutidos. Seguindo o modelo “pós-fenomenológico” pioneiro de Don Ihde,¹¹ podemos dizer que as tecnologias mediam o mundo para nós. Essa mediação inclui certos valores. A arquitetura é um exemplo óbvio disso: Langdon Winner argumentou que Robert Moses construiu uma ponte para Long Island, ilha dos EUA, que era muito baixa para permitir a passagem de ônibus cheios de pessoas pobres de cor da cidade para a praia, e Robert Rosenberger ilustrou muitos casos de “arquitetura hostil” projetada para manter pessoas sem-teto fora da vista pública.

10 Professor de Teologia Moral da *Villanova University*, na Pensilvânia, autor do artigo “Tecnologia e a ética católica do uso: o começo de um novo diálogo”, sem tradução ao português e citado por Checketts neste contexto.

11 Filósofo norte-americano falecido em 2024. É lembrado por seus estudos em Filosofia da Tecnologia, Pós-fenomenologia e Filosofia dos séculos XX e XXI.

Com isso em mente, alguns estudiosos sugerem o “*design sensível a valores*” como uma abordagem para a ética da tecnologia. Nessa abordagem, começamos o desenvolvimento de tecnologias não a partir de impulsos econômicos ou apenas para o bem da inovação, mas com valores éticos específicos em mente. Podemos ver ecos dessa preocupação nas discussões sobre ética da IA quando as pessoas falam em tornar a IA mais democrática ou transparente – queremos incorporar valores na IA que atualmente não estão presentes em sua operação. Também podemos ver que alguns projetos financiados pelo governo, como o *Horizons Programme*, da União Europeia, são projetados para alcançar resultados específicos com o desenvolvimento de IAs, como aumentar a produtividade agrícola, reduzir acidentes de trabalho ou dar melhor assistência aos deficientes.

Porém, neste aspecto, a IA pode ser desenvolvida de maneiras que ajudem os pobres, mas não está claro que isso será feito. Por exemplo, Virginia Eubanks¹² aponta como o Estado de Indiana, nos Estados Unidos, desenvolveu um sistema automatizado para gerenciar seu programa de bem-estar social em 2008. O objetivo era eliminar a corrupção e o desperdício, mas o efeito foi que muitos pobres mercedores de benefícios foram excluídos devido a documentos perdidos, falhas no sistema e equipes de suporte não treinadas. Muitos estudiosos destacaram como o algoritmo COMPAS, projetado para prever taxas de reincidência criminal, reproduziu os preconceitos embutidos no sistema judiciário, resultando em punições mais severas para pessoas de cor. Cathy O’Neil¹³ destacou como o processamento automatizado de empréstimos é mais propenso

12 Cientista política americana, professora e autora que estuda tecnologia e justiça social.
13 Matemática, cientista de dados e escritora.

a negar empréstimos aos pobres. Casos como este, ela chama de “armas de destruição matemática”, ferramentas que dependem de matemática e que podem causar devastação em larga escala se forem confiadas de maneira excessiva.

Também sou cético quanto à utilidade da IA para os pobres porque ela é construída com base em premissas de eficiência matemática. A lógica da eficiência matemática não é uma lógica humana. Há uma razão para contrastarmos o frio e robótico com o calor e humano; apesar da retórica dos economistas que pensam que somos todos atores racionais e egoístas, frequentemente fazemos coisas pelos outros independentemente do benefício próprio, por puro altruísmo. Parte do que é ser humano inclui relacionamentos, rituais, costumes, estética e narrativa, que não são adereços desnecessários, mas essenciais como água e ar. Quando o Alpha-Go venceu Sedol Lee, a imprensa coreana notou que a máquina violou o protocolo do Go ao jogar enquanto Lee estava fora da sala, uma gafe para qualquer jogador experiente, mas que é puramente costumeiro e não inerente ao jogo.

Dentro da lógica da eficiência matemática, tudo o que é supérfluo para nosso objetivo é considerado um fardo. O economista vencedor do Nobel, Milton Friedman, disse que os líderes empresariais têm apenas uma obrigação: maximizar lucros dentro dos limites da lei. Mas, como maximizar lucros é o padrão, muitas empresas não têm escrúpulos em desrespeitar a lei, especialmente se a consequência não afetar sua rentabilidade. Além disso, tal objetivo envolve todos os tipos de abusos contra os trabalhadores, que são tipicamente considerados despesas necessárias, e não parte de

quem compartilha os lucros. Nos EUA, a forma mais comum e mais cara de roubo, por uma enorme margem, é o roubo de salários. Mas a maioria das empresas globais prefere terceirizar sua força de trabalho para áreas onde os salários são ainda mais baixos e os padrões de segurança e ambientais, menos rigorosos. E embora o crítico mais sábio possa notar que, em última análise, não é eficiente usar nossos recursos naturais de maneira irresponsável, o foco no lucro imediato não se preocupa com problemas de longo prazo.

Toda IA criada por uma empresa de tecnologia com fins lucrativos será projetada especificamente para gerar lucros e reduzir custos. O método pelo qual a máquina faz isso pode variar, mas, em última análise, o objetivo é o objetivo essencial de todos os atores em um sistema capitalista. Já está claro o problema: se empresas como Google, Facebook, Amazon, Apple, Tesla e outras implantarem IA, será para gerar valor ou reduzir custos. Sabine Pfeiffer argumenta que as tecnologias digitais aumentam os lucros geralmente reduzindo custos, embora ela sugira que a IA possa realmente ser capaz de gerar valor. Como uma tecnologia cara como a IA pode reduzir custos? Reduzindo o custo humano, ou seja, cortando salários, seja em números absolutos ou em relação ao PIB.

Este é, acredito, o formato básico do problema: a noção de eficiência matemática típica da sociedade capitalista tardia é uma que externaliza todos os custos que pode e prioriza apenas os benefícios imediatos. Uma empresa cujos trabalhadores dependem de ajuda governamental ainda pode ser considerada bem-sucedida porque conseguiu transferir seus custos para a

sociedade. Não é eficiente em uma escala pura, mas é eficiente aos olhos da empresa, que transfere seus custos para o coletivo.

Toda IA criada por uma empresa de tecnologia com fins lucrativos será feita especificamente para gerar dinheiro e reduzir custos. A forma como a máquina faz isso pode variar, mas, em última análise, o objetivo é o mesmo que o de todos os atores em um sistema capitalista. O problema já está claro: se empresas como Google, Facebook, Amazon, Apple, Tesla e outras utilizarem IA, será para gerar valor ou reduzir custos. Sabine Pfeiffer¹⁴ argumenta que as tecnologias digitais aumentam os lucros geralmente ao reduzir custos, embora sugira que a IA possa realmente ser capaz de gerar valor. Como uma tecnologia cara como a IA pode reduzir custos? Reduzindo o custo humano, ou seja, diminuindo a necessidade de trabalho. Em resumo, reduzindo salários, seja em números absolutos, seja em relação ao PIB.

Acredito que este seja o formato básico do problema: a noção de eficiência matemática típica da sociedade capitalista tardia é aquela que externaliza os custos sempre que possível e prioriza apenas os benefícios imediatos. Uma empresa cujos trabalhadores dependem de auxílio governamental ainda pode ser considerada bem-sucedida porque conseguiu terceirizar seus custos. Não é eficiente em uma escala pura, mas é eficiente aos olhos da empresa, que transfere seus custos para a sociedade em geral. E esse tipo de mentalidade está presente nos olhos dos programadores de IA, cuja

14 Socióloga alemã que estuda a interação entre pessoas, tecnologia e organização.

tarefa é, igualmente, usar um modelo falho do mundo, aplicar matemática a ele e tomá-lo como preditor da realidade.

Concretamente, funciona assim: o modelo que qualquer programador de IA constrói é baseado em suas próprias percepções do mundo, percepções que incluem pontos cegos e ignorância. Assim, programadores de reconhecimento facial no Vale do Silício não perceberam que seus conjuntos de dados não incluíam rostos suficientes de mulheres ou minorias étnicas, por exemplo. Se for implantado, o modelo pode causar danos significativos antes de ser corrigido ou notado, como policiais a confiarem nesses programas de reconhecimento facial mais do que em seus próprios olhos. No entanto, se o programa for considerado “bem-sucedido” de acordo com critérios matematicamente definíveis estabelecidos pelo criador, quaisquer outros custos negativos serão considerados aceitáveis.

Isso implica que até mesmo as iterações mais bem-intencionadas de IA esperarão por metas específicas e resultados tangíveis: provas quantitativas do “bem” que elas fizeram. Se a IA não atingir os objetivos específicos que o governo busca, pode ser desativada. Os objetivos que o programa atinge também devem ser expressos em formas puramente matemáticas, o que se alinha facilmente com o objetivo especificamente capitalista de avaliar as coisas apenas em termos de lucro e prejuízo. Embora isso possa ser projetado para gerar benefícios concretos para uma população específica, faz isso supondo que os resultados quantitativos são o que realmente importa. Os pobres que podem ser aten-

didos são necessariamente reduzidos a números. Nem todos os problemas enfrentados pelos pobres podem ser resolvidos com análise quantitativa.

Com isso, destaco o *insight* do Pe. Jon Sobrino,¹⁵ ecoando seu mentor Ignacio Ellacuría.¹⁶ Como a Igreja Católica tem feito desde a década de 1960, Sobrino critica a ideia de que a pobreza global é apenas uma questão do que os países do primeiro mundo definem como “desenvolvimento”. Desenvolvimento significa imitar o estilo dos ricos e industrializados, e é, como sabemos pela crise ambiental, insustentável. Sobrino chama esse modelo de Civilização da Riqueza em contraste com a Civilização da Pobreza, que prioriza os direitos humanos e a comunidade. Embora seja claro, como alguns estudiosos de direitos humanos como Jack Donnelly¹⁷ observam, que o pleno apoio aos direitos humanos pode exigir um certo nível de desenvolvimento, há uma orientação fundamentalmente diferente em desenvolver com o propósito de cumprir os direitos humanos, em vez de simplesmente para o desenvolvimento.

A IA como ferramenta de desenvolvimento só pode medir os direitos humanos de maneira aproximada e está sujeita a limitações se os modeladores não reconhecerem plenamente a situação em campo. Isso é provável enquanto, mais uma vez canalizando o teste-

15 Natural da Espanha, é padre e teólogo jesuíta radicado em El Salvador desde de 1957. Tornou-se um importante expoente da Teologia da Libertação.

16 Padre jesuíta espanhol, atuou em El Salvador até 1949, quando foi morto em 1989 pelo Exército Nacional. Sustentava que o conflito armado no país resultava de uma injustiça estrutural social e que o modo de terminar com a guerra era a eliminação das situações de injustiça.

17 Professor da Universidade de Denver, especialista em direitos humanos internacionais e teoria das relações internacionais.

munho profético da Teologia da Libertação, os pobres forem deixados sem nome e sem voz. Se os pobres não tiverem a oportunidade de advogar por si mesmos aos Outros humanos, aqueles que podem *responder* à sua demanda com base na dignidade inerente aos pobres, eles serão relegados a estatísticas.

Para concluir, uma questão final é que a IA é construída em sociedades que desvalorizam inerentemente os pobres. Por exemplo, nos EUA, país líder no desenvolvimento de IA, a aprovação moral é quase sinônima de riqueza material. Um homem rico é um homem bom, e os pobres e desabrigados são considerados também pobres de caráter. A ética protestante de Max Weber é mais evidente neste cenário. Os pobres são considerados merecedores de seu destino nos EUA, onde os “*techbros*” do Vale do Silício reclamam da existência de pessoas sem-teto que foram deslocadas por custos de vida mais altos. Assim, é duvidoso que países como os EUA estejam interessados em desenvolver IA com o objetivo de ajudar os pobres.

IA ANTROPOMÓRFICA

Por fim, embora isso já tenha sido sugerido pelo que eu disse acima, o perigo mais pernicioso da IA é a tendência que temos de antropomorfizá-la. Até mesmo o termo “*inteligência*”, contido na sua designação, quer sugerir que a IA é “*algo como nós*”, já que atribuímos inteligência às coisas que identificamos como semelhantes a nós. O filósofo David Gunkel¹⁸ torna isso explícito. O debate sobre os direitos da IA funda-se na suposição de que a inteligência corresponde à capacidade de agir moralmente e de ser sujeito moral, como

18 Professor americano, pesquisador na área da filosofia da tecnologia associado à *Northeastern Illinois University*.

demonstrado, por exemplo, no movimento pelos direitos dos animais, iniciado por Peter Singer. Nesse ponto de vista, se demonstrar capacidades humanas suficientes (especialmente as que definimos como inteligentes), então a IA deveria ser premiada com *status* moral.

Essa tendência está bem documentada ao longo de nossas tradições morais. Um panorama rápido de teorias morais ilustra isso: Kant pensa que apenas seres racionais devem ser tratados como fins em si mesmos; Mill acredita que a capacidade de sentir prazer, com graus variados de acordo com o crescimento intelectual, é o padrão para a moralidade; Tomás de Aquino nota que a dignidade humana advém do fato de sermos racionais como Deus; Aristóteles acredita que a forma mais elevada de vida é a contemplação da pura sabedoria. Normalmente, na ética ambiental, por exemplo, debateríamos tudo isso como indicativo de antropocentrismo. Mas até mesmo modelos não (estritamente) antropocêntricos tendem a repetir essa lógica, como indicado por muitos do movimento pelos direitos dos animais, que valoriza os animais principalmente na medida em que compartilham certas capacidades conosco.

Uma série de teóricos críticos apontou que esse tipo de lógica sempre teve uma ordem hierárquica. Por exemplo, as feministas observam que, em muitas expressões típicas, a racionalidade está associada ao masculino, enquanto o animalismo está associado ao feminino, levando a um valor *de facto* maior para os homens do que para as mulheres. O movimento eugenista também afirmava que diferentes “raças” eram o resultado de cruzamentos melhores ou piores. Assim,

essa preferência por humanos “racionais” sempre tem o efeito de criar uma ordem desigual, favorecendo alguns em detrimento de outros.

Nem mesmo cinquenta anos atrás, países como os Estados Unidos ainda tinham leis que permitiam a esterilização forçada de pessoas com doenças mentais, deficiências intelectuais ou outros traços “desfavoráveis”. A Islândia quase eliminou todos os casos de Síndrome de Down hoje por meio de abortos seletivos. Enquanto os EUA se preparam para mais quatro anos de Donald Trump no governo, as críticas a ele frequentemente confundem suas falhas morais com falhas mentais. Não estamos tão distantes daquilo que consideramos barbarismo. Nossa valorização de uma certa imagem da mente racional se torna um sinônimo do que é bom e belo, e a maioria de nós aceita isso sem questionar. Mesmo eu, ciente desse problema, frequentemente me pego usando termos como burro/idiota, louco/insano e estúpido quando quero dizer que algo é injusto, prejudicial ou simplesmente errado.

Isso é um problema porque as máquinas que estão debatendo são projetadas para serem “inteligentes”, e essa característica delas é usada para sugerir que, de alguma forma, elas são “melhores”. E então, quando surgem as discussões sobre os direitos dos robôs, vemos que a bondade, a inteligência e os direitos estão inextricavelmente interligados. Não nos perguntamos se uma máquina de lavar ou um aparelho soldador industrial deveriam ter direitos humanos. Supomos que uma IA *podia ter* direitos porque ela se assemelha a seres humanos nas formas que consideramos relevantes para a concessão de direitos, isto é, como agentes “inteligentes”.

Mas qual é o modelo de inteligência que a IA modela? Como já observei, a IA é essencialmente algoritmos complexos, que em si são apenas equações matemáticas complexas. Em outras palavras, a inteligência modelada pela IA é, estritamente falando, inteligência matemática. Isso reflete uma tendência que as culturas ocidentais adotaram desde a Revolução Científica e uma com laços no século passado, sem surpresa, com a eugenia. O Quociente de Inteligência, ou QI, é um valor numérico assinalado às pessoas com base em sua capacidade de concluir um teste padronizado dentro de um determinado limite de tempo. Muitas das questões envolvem raciocínio matemático e quantitativo. Questões de literatura e linguagem também aparecem em alguns testes, mas devem ser enquadradas com uma solução “correta” específica também, para que os problemas pareçam matemáticos na forma. Ter isso como “o” padrão definitivo de inteligência é, obviamente, problemático: não apenas o pensamento criativo ou soluções alternativas são considerados “não inteligentes” por essa medida, mas o pior é que requer um certo modelo padronizado de educação.

Portanto, o modelo de “inteligência” da IA, que é sua qualificação para ter direitos, é um modelo construído a partir de sistemas educacionais burgueses. Dizer que a linguagem deve ter *uma* forma específica, por exemplo, pressupõe que a linguagem falada por pessoas comuns, que muitas vezes é classificada com termos depreciativos para indicar seu *status* de baixa cultura, é considerada um sinal de falta de inteligência. Então, para adicionar outro ingrediente à fórmula, inteligência, consciência e direitos também estão ligados aos modelos educacionais. Os sem formação – ou com

baixo grau de educação formal – são vistos pela elite escolarizada como crianças que precisam de cuidados paternalistas.

Aqui, me vejo cético em relação ao movimento da Teologia da Libertação. Por melhor que fosse a intenção do falecido Gustavo Gutierrez de falar sobre a falta de voz dos pobres, a posição que ele e outros padres na Europa assumiram era paternalista. De fato, o processo de “conscientização” que Gutierrez enfatiza, um modelo que ele pegou do pedagogo brasileiro Paulo Freire, pressupõe que o profissional educado bem-intencionado está na posição certa para informar os pobres sobre o porquê de sua situação ser tão ruim. Como Gayatri Spivak¹⁹ provocativamente observou, “o ventriloquismo do subalterno é o estoque do intelectual de esquerda” – aqueles que desejam ajudar os pobres geralmente assumem que sabem fazer isso melhor do que os próprios pobres, e supõem que os pobres devem receber a educação adequada para espelhar o que as elites bem-intencionadas veem de si mesmas.

Os engenheiros e projetistas de IA criam um programa que é uma imagem espelhada de como eles se veem. O padrão para seu sucesso como um mecanismo inteligente é determinado pelos programadores com base em sua própria compreensão da inteligência. É sua autoimagem narcisista construída no silêncio. Embora nenhuma IA tenha alcançado esse padrão ainda, os engenheiros de IA continuam otimistas de que têm a visão correta, eles só precisam fazer os avanços certos. Dreyfus criticou isso em seu *What Computers Can't Do*, para a ira de vários pioneiros da IA quando os pro-

19 Crítica e teórica de literatura indiana, professora da *Columbia University*, famosa pela publicação de *Pode o subalterno falar?*, livro sobre o pós-colonialismo.

blemas que enfrentaram acabaram sendo mais difíceis do que eles pensaram inicialmente. Mas, nos últimos anos, o aprendizado de máquina levou a programas muito mais sofisticados, e demonstrações de prova de conceito como AlphaGo, ou aplicações do mundo real como o AlphaFold, ganhador do prêmio Nobel, dão algum peso a esses sonhos andróides. Enquanto alguns pesquisadores de IA permanecem firmes quanto às limitações do aprendizado de máquina atual, muitas das vozes mais destacadas – incluindo Elon Musk e Sam Altman – preveem que em breve alcançarão a Inteligência Artificial Geral (IAG), o apelido atual para substituir a antiga e tradicional IA ou muito diversa IA de agora.

Seguindo as profecias do filósofo Nick Bostrom, eles se preocupam e esperam que a IAG se torne rapidamente a Super IAG, uma IA muito mais inteligente do que nós. A linguagem que eles empregam para implicar o que isso significa – como um humano para uma formiga – reforça a visão profundamente problemática da inteligência que sustenta toda a pesquisa de IA. As preocupações morais que eles têm, a ameaça de crise existencial ou a promessa de governança utópica, são maneiras de sugerir que uma super IAG será moralmente superior a nós, da mesma forma que somos moralmente superiores (ou imaginamos ser) aos insetos e revela suas próprias deficiências éticas.

Isso configura um espectro de valor moral, onde quanto mais “inteligente” um ser é, com base em uma medida quantitativamente definida, mais “bom” e digno ele é, e vice-versa: tanto menos “inteligente” ele for, menos bom será. Se os pobres não têm recursos educacionais, ou se as condições de fome e precariedade

levam a um funcionamento neural abaixo do ideal, ou se fatores genéticos ou epigenéticos limitam sua capacidade de aprendizado, ou se seu uso da linguagem é considerado grosseiro, ou ainda se a necessidade de sobreviver os leva a priorizar o ganho de curto prazo em vez da recompensa de longo prazo, e se a experiência da cultura capitalista os leva a ter medo de arriscar o pouco que têm, eles provavelmente ficarão “mais abaixo” ainda na escala do que as nossas máquinas. Se a implicação não estiver clara, os EUA viram a proibição do casamento inter-racial ser revogada anos antes da esterilização forçada de doentes mentais.

Um amigo meu formulou este problema em termos simples: é perturbador discutir sobre conceder direitos a máquinas que não possuem nenhum tipo de autoconsciência, enquanto existem muitas categorias de seres humanos que não desfrutam desses direitos. Uma versão dessa frustração foi expressa há sete anos, quando o governo da Arábia Saudita concedeu cidadania à Sophia, uma ginoide desenvolvida aqui em Hong Kong, enquanto as mulheres desse país careciam de direitos básicos. Vivemos em um mundo onde os pobres e outros marginalizados frequentemente enfrentam o seguinte: fome, desnutrição, tráfico humano, exposição a produtos químicos nocivos, falta de saneamento, ausência de água potável, violência, abuso de substâncias, formas específicas de doenças (incluindo tuberculose, malária, AIDS, esquistossomose, doenças cardíacas, pneumoconiose e obesidade). Discutir sobre conceder a um programa de computador os mesmos direitos que um cidadão burguês da União Europeia é absolutamente absurdo com essa realidade ainda em andamento. Para citar Jesus no Sermão da Montanha: “Tira primeiro a trave do teu olho, e então poderás en-

xergar bem para tirar o cisco do olho do teu irmão”. Em outras palavras, vamos conceder direitos humanos a todos os humanos primeiro antes de estendê-los a não humanos.

Se o problema fosse tão simples, essa seria a conclusão. Mas o que fica sem resposta é a incômoda questão de por que motivo alguém consideraria conceder direitos à IA mais urgente do que resolver os problemas humanos ao nosso redor. O teólogo Philip Hefner²⁰ articulou a ideia mais claramente de que a IA é um “tecnoespelho” no qual nos vemos. Eu sugeri isso até agora, mas, por favor, observemos que, na visão de mundo cristã, o que torna os seres humanos dignos é nosso *status* como *imago Dei* – isto é, sermos a imagem de Deus. A nossa imagem, então, assume um papel igualmente digno. Mas a alusão que devemos recordar na metáfora de Hefner é o mito de Narciso, cuja obsessão com seu próprio reflexo foi a causa de seu próprio prejuízo. A IA como “tecno-espelho” tem a função de refletir nosso próprio olhar de volta para nós, um processo que o filósofo católico Jean-Luc Marion²¹ chama de idolatria. A iconografia, por outro lado, ocorre quando uma imagem aponta além de si mesma para algo inefável. Ao escrever sobre o pensamento de Emmanuel Levinas, Jacques Derrida observa que, quando falamos do “Outro”, aquele a quem nos referimos não é um *alter ego*, ou seja, não é um “outro como eu”. Em vez disso, o Outro é totalmente um outro que não eu, e, portanto, em sua alteridade absoluta,

20 Americano falecido em 2024, foi professor de Teologia Sistemática da Faculdade Luterana de Teologia, de Chicago.

21 Francês, membro da Academia Francesa. Sua obra é um exemplo da virada teológica que estaria em curso atualmente.

devo reconhecer a responsabilidade moral que tenho para com alguém que não pode ser reduzido à minha própria imagem.

Aqui está a diferença absoluta entre uma ordem moral que considera a IA como um paciente moral e uma ordem moral que reconhece nossas falhas para com os pobres. A IA como paciente moral é uma variação de Frankenstein ou Pinóquio. Reconhecemos um ser que não é completamente humano e que ganha o respeito dos seres humanos porque o criamos e colocamos algo de nós nele. Assumimos o papel paternalista e ensinamos a ser como nós, e, ao fazê-lo, conquistamos nossa própria aprovação moral. Por outro lado, há o gênero mais perturbador da ficção de *doppelgänger*, como o conto “William Wilson”, de Edgar Allan Poe, ou romance *O Duplo*, de Dostoiévski. Nestas narrativas, temos que lidar com um outro que pode parecer ser como eu, mas não é igual a mim, e cuja existência me causa desconforto. Lutamos contra ele porque não podemos suportar viver em um mundo onde ele exista ao nosso lado e ameace a autoimagem que estimamos tanto.

A IA é retratada como um reflexo limpo e eficiente do que imaginamos que somos. Os pobres nos aparecem como versões sujas, doentes e depravadas do que realmente somos. Uma IA não sofre de esquizofrenia ou abstinência de drogas. Não comete pequenos crimes ou gafes públicas. Não exige auxílio do governo nem assistência de organizações de caridade. Ela não rejeita aquelas ações de caridade feitas meio sem vontade e autocentradas. Não dorme nos bancos das praças, não bate nos filhos nem cambaleia bêbada pelas ruas. Não tem pulgas nem piolhos. Não morre de infecção,

overdose nem de acidente de trabalho. Não cheira mal nem causa incômodo com sua presença pública. E, por todas essas razões, a IA é muito mais confortável como um “Outro” (ou seja, um *alter ego*) para as elites educadas do que os pobres. Ser pobre, com todas as suas misérias, é o maior desvalor de um sistema capitalista. As classes altas se relacionam com os pobres apenas como aqueles que devem ser evitados, para que a contaminação não aconteça. Os pobres podem ser miseráveis, mas, nessa visão, eles merecem seu destino – pensar de outra forma pode levar alguém a questionar por que eles merecem viver uma vida melhor.

CONCLUSÃO

A IA é o ápice da fantasia capitalista. É a expectativa de um crescimento infinito de riqueza, sem fim, e de uma classe trabalhadora sem o custo dos salários. É, claro, uma fantasia, como mais de 200 anos de capitalismo e avanço científico deixaram claro que o crescimento infinito é impossível, que os pobres geram a riqueza real e que o custo da IA, em geral, não vale a pena. Do ponto de vista moral, ficamos mais alarmados, pois as fantasias da IA tendem a prejudicar os pobres ao privá-los de direitos, desvalorizá-los e desumanizá-los, enquanto transferem benefícios correspondentes para máquinas não conscientes. Esta compreensão exige que olhemos mais profundamente para a pobreza do que muitos estão dispostos; devemos considerá-la não apenas como uma condição de falta de dinheiro, mas como uma posição socialmente contextualizada, que inclui modos de socialização, processos de legitimação ou deslegitimação de um código de comportamento, padrões éticos, impactos psicológicos e assim por dian-

te, todos profundamente desprezados pela cultura dominante e cujas características desprezadas estão conspiciamente ausentes dos programas de IA.

Mas isto significa que a IA seja uma tecnologia totalmente inútil. O próprio Karl Marx acreditava que as tecnologias da burguesia iriam inaugurar a revolução sem classes. A IA realiza muito bem as tarefas quantitativas e já mostrou ser de um valor tremendo para cientistas, médicos, demógrafos e outros. Então, concludo com um pensamento otimista: se conseguirmos separar a IA de questões de direitos, podemos encontrar maneiras de aplicá-la como uma ferramenta para problemas morais específicos que precisam de *insights*. Isto deve ser sempre feito com plena consciência dos benefícios e falhas da IA, para evitar as tentações de aceitação acrítica e confiança injustificada. Também podemos preferir mudar a terminologia, já que “inteligência” implica fundamentos metafísicos e metaéticos, e associações dela resultantes. Por fim, devemos reavaliar nossos próprios padrões de dignidade moral e permitir que todos os humanos sejam dignificados, independentemente de quão bem modelam os traços da IA.

Levi Checketts



Levi Checketts. Doutor em Ética e Teoria Social pela *Graduate Theological Union*, em Berkeley, Califórnia. Professor do Departamento de Religião e Filosofia da *Hong Kong Baptist University* e diretor do Centro de Ética Aplicada da mesma instituição. Participou da iniciativa conjunta entre o Pontifício Conselho para a Cultura e a Comissão para Preocupações em IA, da *Santa Clara University*. É consultor do Vaticano para questões sociais e éticas relacionadas à IA na Ásia e escreve sobre problemas sociais e éticos relativos à IA e ao transumanismo a partir de uma perspectiva católica.



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montañó
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmam
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955)
- Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana
- Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório -
Raúl Zibechi

 UNISINOS